

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-14, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43233</p>	

SEÇÃO: AUDIOVISUAL

Alegorias da fé: pressupostos de intolerância religiosa à luz de uma ficção de terror

Allegories of faith: assumptions of religious intolerance in the light of a terror fiction
Alegorias de la fe: supuestos de la intolerancia religiosa a la luz de una ficción de terror

Robéria Nádia Araújo Nascimento¹

orcid.org/0000-0002-1806-0138
rnadia81@gmail.com

Recebido em: 9 maio 2022.

Aprovado em: 28 fev. 2023.

Publicado em: 17 ago 2023

Resumo: Na trilha epistemológica dos Estudos Culturais (HALL, 2004, 2016) uma ficção do gênero terror torna-se eixo para compreensão e análise da concepção de intolerância religiosa. Trata-se da minissérie americana *Missa da Meia-Noite (Midnight Mass)* cujas condições de representação, apropriação, intencionalidades e disputas simbólicas aproximam o imaginário popular e os arquétipos religiosos permitindo reflexões sobre preconceitos, estigmas e tensionamentos que afetam as crenças minoritárias no nosso país, especialmente as de matrizes africanas. A partir dessa problematização, o raciocínio empreendido busca corroborar o extraordinário poder que as histórias "inventadas" para a TV adquirem na construção de verossimilhança como fontes imersivas de intertextualidades, pluralidade de vozes e produção de sentidos (BULHÕES, 2009).

Palavras-chave: *Missa da Meia-Noite*; ficção seriada; gênero terror; intolerância religiosa.

Abstract: In the epistemological trail of Cultural Studies (HALL, 2004, 2016) a fiction of the horror genre becomes the axis for understanding and analyzing the concept of religious intolerance. This is the American miniseries *Midnight Mass*, whose conditions of representation, appropriation, intentions and symbolic disputes bring together the popular imagination and religious archetypes, allowing reflections on prejudices, stigmas and tensions that affect minority beliefs in our country, especially those of African origins. From this problematization, the reasoning undertaken seeks to corroborate the extraordinary power that stories "invented" for TV acquire in the construction of verisimilitude as immersive sources of intertextuality, plurality of voices and production of meanings (BULHÕES, 2009).

Keywords: *Midnight Mass*; serial fiction; horror genre; religious intolerance.

Resumen: En la estela epistemológica de los Estudios Culturales (HALL, 2004, 2016) una ficción del género de terror se convierte en el eje para comprender y analizar el concepto de intolerancia religiosa. Se trata de la miniserie estadounidense *Midnight Mass*, cuyas condiciones de representación, apropiación, intenciones y disputas simbólicas aglutinan el imaginario popular y los arquetipos religiosos, permitiendo reflexionar sobre los prejuicios, estigmas y tensiones que afectan a las creencias minoritarias en nuestro país, en especial las de origen africano. A partir de esta problematización, el razonamiento emprendido busca corroborar el extraordinario poder que adquieren los relatos "inventados" para la TV en la construcción de la verosimilitud como fuentes inmersivas de intertextualidades, pluralidad de voces y producción de sentidos (BULHÕES, 2009).

Palabras clave: *Misa de Gallo*; ficción en serie; género de terror; intolerancia religiosa.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, PB, Brasil.

Introdução

O arco dramático de *Missão da Meia-Noite*² entrelaça o mistério e o sobrenatural dimensionando o impacto da violência física e simbólica quando uma premissa religiosa é defendida de forma irracional. Ao orbitar em torno de arquétipos e simbolismos religiosos, a narrativa pode ser apropriada para a reflexão em torno de múltiplas atrocidades que são naturalizadas e cometidas mundo afora em nome de Deus por suas intertextualidades e paráfrases do real (BULHÕES, 2009). Tal problemática perpassa a discussão do fanatismo religioso ao enfatizar o imaginário cristão como fundamento para as intolerâncias. Assim, a conjuntura tecida pela ficção permite pensar nos discursos autoritários em relação a outras religiosidades, bem como nas estratégias (muitas vezes sutis) de desrespeito, silenciamento e opressão às existências das diferenças.

Por artifícios da linguagem, o discurso ficcional encaminha condições para que a audiência seja capaz de construir significados a partir do que vê e ouve. Nesse prisma, o texto e a estética do audiovisual se sustentam no plano de sentidos das vivências esportivas diretamente relacionadas aos seus repertórios. Isto é, de alguma maneira, e por vários contornos, a tela da TV tende a reproduzir o "já visto" e os desafios experimentados pelo cotidiano popular. Em meio a essa dinâmica, são sugeridos nexos de sentidos para as representações (HALL, 2016), cujas leituras podem ser favorecidas pelo aparato dos Estudos Culturais. O campo teórico é referenciado nesta pesquisa por oferecer pistas pertinentes para o entendimento das culturas enquanto sistemas plurais de compartilhamentos de crenças e valores. Tais sistemas fundamentam e legitimam a função social da linguagem como processo de significação e interação coletiva. Nessa esfera, o pensamento de Hall (2016) encontra similaridade nas proposições de Durand (2002), pois, para o pensador francês, o imaginário é a faculdade que parametriza o fluxo de identificações culturais

através de arquétipos e analogias que formam costumes e mitos. Os mitos, por sua vez, alimentam os comportamentos e pensamentos sociais, refletindo-se nos valores comuns aos grupos.

Pelo exposto, uma análise ficcional à luz do arcabouço conceitual de Hall (2016), em diálogo com as teorias do imaginário (DURAND, 2002), parece-nos relevante por acionar competências de leitura que nos aproximam das ambiências e das sugestões do realismo fantástico mobilizadas pelo arco dramático da minissérie. Ou seja, na ótica dos Estudos Culturais, o movimento discursivo de uma produção ficcional é amparado nas problemáticas sociais, o que permite inferir que as metáforas e alegorias construídas em *Missão da Meia-Noite* não pertencem apenas a códigos de faz-de-conta, mas subjazem a determinados acontecimentos do mundo cotidiano. No entender de Durand (2002), qualquer leitura imagética envolve as simbologias e a profundidade do espaço e do tempo, transcendendo limites que são refeitos pela vida em sociedade. Isto é, a cultura, como território da imaginação, e como produção coletiva (HALL, 2016), é espaço de narrativas míticas ou corriqueiras, nas quais a noção de realidade se deixa rearranjar de formas inusitadas. Na verdade, existe uma convergência simbólica nas representações que dão vida aos processos e significados dos grupos em suas apropriações singulares. Nesse sentido, as imagens culturais são compartilháveis e mutáveis preservando suas raízes antropológicas. Porém, o inconsciente, a imaginação, a fantasia, os mitos e a subjetividade são categorias centrais na teoria de Durand (2002), elementos que, coincidentemente, convergem com a trama de *Missão da Meia-Noite*.

No universo religioso, por outro lado, as práticas são dinâmicas e vivas, e nelas, o homem ressignifica suas experiências de mundo. Apesar desse trânsito intenso, um breve panorama da sociedade brasileira aponta que algumas práticas religiosas tendem a ser invisibilizadas como inferiores e alvos de marginalização, caso das

² Produção da Netflix lançada em 24 de setembro de 2021, desenvolvida por Mike Flanagan, criador de outras séries do gênero terror como *A Maldição da Residência Hill* e *A Maldição da Mansão Bly*.

denominações afro-brasileiras³ e ameríndias, constantemente afetadas por episódios de estigmas e violências. É nessa direção, portanto, que se ressalta a importância da temática da intolerância para o entendimento das opacidades, exclusões e tensões que se atrelam à cultura religiosa na contemporaneidade em diálogo com o panorama ficcional.

Mas Amaral e Silva (2006) alertam que a própria expressão "religiões afro-brasileiras" é de difícil definição, considerando-se os radicais que a compõem, pois nenhum comunica "totalidades" sendo, antes, resultado de leituras particulares do que seja "africano" e do que seja "brasileiro" e, ainda, "do que seja a união entre ambos, uma vez que se refere às contribuições específicas de certos grupos de origem africana e brasileira, denotando a complexidade dos fenômenos aos quais se aplica este termo no Brasil" (AMARAL; SILVA, 2006, p. 112).

Derivada de uma pesquisa em andamento⁴, a exploração sistemática do tema, neste texto, parte da revisão bibliográfica sobre o gênero ficcional de terror (BULHÕES, 2009; JOST, 2012; NOGUEIRA, 2010), incorporando-se as contribuições de Todorov (2010), King (2012), Fernandes e Magalhães (2018), entre outros trabalhos. Tais leituras investigam convergências com os mecanismos de mediação comunicacional das religiosidades nos cenários culturais e nos produtos seriados (HALL, 2016; MARTÍN-BARBERO, 2004, 2014; 2017; LOPES, 2009) atentando para os processos de subjetividades contemporâneas em contexto social midiaticizado.

Os entrelaçamentos definidos resultam da Análise Temática (MOTTA, 2013) dos sete episódios de *Missa da Meia-Noite*, no intuito de fazer avançar a compreensão conceitual da intolerância religiosa. Sob inspiração bíblica, são assim nomeados: Livro I: Gênesis, Livro II: Salmos, Livro III: Provérbios, Livro IV: Lamentações, Livro V: Os

Evangelhos, Livro VI: Atos dos Apóstolos e Livro VII: Apocalipse. Em cada um foi notabilizado o Plano da História, para síntese das falas e/ou situações que retratam ações de intolerância; assim como as ambiências, as estéticas de terror e/ou os diálogos entre os personagens, e objetos ou figuras das cenas que se mostraram apropriados para a compreensão narrativa.

O exercício de leitura ficcional se respaldou nas pistas dos Estudos Culturais (HALL, 2016) e das nuances do imaginário (DURAND, 2002), levando-nos a concordar com Martín-Barbero (2014, 2017) de que a mediação da ficção ratifica o mundo cultural em sua diversidade, ao mesmo tempo em que aciona uma potência sensorial de apelo à criticidade dos espectadores na atribuição de sentidos condizentes à realidade. Portanto, os Estudos Culturais fomentam uma *expertise* de leitura ficcional para reconhecimento das tramas sociais. Na verdade, propõem que não apenas importa perceber *o que* dizem as narrativas, mas *como* dizem e *o que* fazem *para* dizer.

A título de elucidação, a Análise Temática se refere a um dos eixos metodológicos da Análise Narrativa (MOTTA, 2013) que procura registrar os significados relacionais sugeridos pelas circunstâncias das enunciações. Nessa instância, os sentidos não lineares da linguagem são avaliados na direção de aplicabilidade dos pressupostos teóricos, de modo a localizar induções ou inferências sinalizadas nos episódios, porque os dizeres dos personagens parecem nunca ser suficientes frente aos interditos e aos seus possíveis significados. Trata-se, pois, de uma prática metodológica que se alinha com os Estudos Culturais (HALL, 2016) no descortínio do objeto discursivo central das tramas de ficção sem perder de vista as conexões com as dinâmicas culturais, seus contextos e integrantes.

Dito isso, o movimento empreendido até o momento, e que embasa este texto, foi viabilizado

³ De acordo com Amaral e Silva (2006) a construção do *ethos* religioso nacional é favorecida por essas denominações, em razão do intenso trânsito e intercâmbio de valores entre tais práticas e a cultura brasileira. Embasando-se na teorização de Clifford Geertz, os autores compartilham a ideia de que a "cultura é uma 'rede' de significados que os homens elaboram socialmente", cuja análise é sempre parcial: "Nesse sentido, a interpretação das culturas se faz por meio da busca de seus significados num reino onde as leis, se existentes, são sempre provisórias e relativas" (AMARAL; SILVA, 2006, p. 111).

⁴ Pesquisa desenvolvida na UEPB, na esfera da Iniciação Científica e Pós-Graduação, sob o título "Armadilhas da fé: intolerância religiosa à luz de uma ficção de terror".

pelas ações de:

a) descrição do perfil dos protagonistas e personagens relevantes;

b) rastreio das abordagens de intolerância religiosa via mediação dos acontecimentos retratados;

c) identificação dos estigmas, arquétipos e simbologias da trama que permeiam o imaginário religioso (DURAND, 2002);

d) observação das ambiências dos episódios relacionadas ao fanatismo religioso e às apropriações dos mitos cristãos.

A fase empírica, que compõe a sequência do estudo, está em processo, e propõe tecer interlocuções com discípulos das religiões de matriz africana a fim de ser possível ouvir suas histórias de pertencimento religioso. O trabalho de registro demanda um empenho interpretativo, guiado pela revisão de literatura, no intuito de encontrar respostas para as questões que se reportam a tais cosmologias. As entrevistas, em formato semiestruturado, terão a finalidade de iniciar um diálogo com os interlocutores, mas, ao mesmo tempo, permitir que se expressem livremente.

Para os fins deste artigo, a ênfase recai sobre os embates religiosos do tempo presente em convergência com os conflitos e estigmas que atravessam as religiosidades afro-brasileiras. Não será possível realizar uma descrição minuciosa de falas ou cenas dos personagens da minissérie, uma vez que esses dados ainda se encontram em articulação. Contudo, é útil salientar que em cada episódio foi notabilizado o Plano da História, para síntese das falas e/ou situações que retratam ações de intolerância; assim como notabilizadas as ambiências, as estéticas de terror e/ou os diálogos entre os personagens, bem como os objetos ou figuras das cenas. Esperamos que o recorte ora delineado, correspondente a uma amostra do estudo, possa iluminar o conceito de intolerância religiosa, agregado à leitura da ficção, uma vez que as produções ficcionais, por mais fantasiosas que se pretendam, de algum modo incitam a racionalidade do mundo real pelo ganho simbólico de verdade que oferecem aos espectadores (JOST, 2012).

A atmosfera de terror: entre o mistério e o suspense ficcional

Quando acessamos a rica genealogia estética e discursiva do horror, tratada por H.P. Lovecraft (1987), distinguimos os aspectos do formato narrativo em análise, observando que: "A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido" (LOVECRAFT, 1987, p. 10). Tal objetivo suscita curiosidade desde o título da minissérie, uma vez que "Missa da Meia-Noite" vislumbra conotações religiosas e de mistério. Na avaliação de Durand (2002), tal impressão se intensifica porque a hora final do dia, ou a meia-noite, integra o imaginário místico de muitas crenças, ao ser vista como traiçoeira, demoníaca e perigosa: "é a hora dos pactos, das oferendas, em que os animais maléficos e os monstros infernais se apossam dos corpos e das almas" (DURAND, 2002, p. 73).

Além dos aspectos referidos, *Missa da Meia-Noite* aborda mitos e crenças limitantes que geram ameaças, preconceitos e fanatismos. Todavia, vale sublinhar que importantes registros dessa conjuntura transcendem o território da ficção, porque não dizem respeito apenas ao âmbito religioso, já que se pode lembrar de convocações e adesões ao neonazismo, terrorismos ou fundamentalismos com propósitos de destruição em massa, estratégias que disseminam ideias capazes de fomentar ódio e segregação no espaço público, especialmente munidas de retóricas de superioridade social, política ou religiosa.

Os sete episódios da produção americana reúnem fragmentos de cunho religioso alusivos à culpa e à consciência humana que se entrecruzam à decadência moral, ao processo de luto, à vida após a morte, aos presságios e milagres que cercam os aspectos aterrorizantes das escrituras. Neles, são incluídas referências à tragédia apocalíptica do final dos tempos, decorrente das interpretações bíblicas. Ao longo da narrativa, marcadores de "boas intenções" dos personagens, na defesa de um Deus punitivo, buscam justificar distorções de comportamentos que reforçam prerrogativas do imaginário cristão e se convertem em molas propulsoras

de intolerâncias.

A trama de *Missã da Meia-Noite* se desenrola a partir da figura misteriosa de um sacerdote, o Padre Paul (Hamish Linklater), que chega à decadente e isolada Ilha de Crockett, em substituição ao monsenhor que guiava a paróquia local há décadas. Embora seja recebido com surpresa, a postura persuasiva e carismática do religioso logo chama a atenção do pacato grupo local, composto por 127 habitantes. Sua chegada coincide com o retorno de Riley Flynn (Zach Gilford), um jovem que esconde erros e mágoas de um passado sombrio, coroinha católico na infância, e que se tornou ateu na vida adulta. Por que teria perdido a fé?

Eventos tidos como milagrosos, atribuídos à presença do religioso enigmático, começam a se suceder na ilha, misturando-se às trajetórias dos demais habitantes. Samantha Sloyan vive uma vilã implacável disfarçada na sutileza de uma beata local (Bev Keane), cujos arquétipos se confirmam no talento para a fofoca, traves-tidos de zelo pela moral e bons costumes da comunidade. Erin Greene (Kate Siegel) é a única professora do lugar. Viveu a infância ao lado de Riley e, no momento presente, dribla a amargura, buscando refúgio na fé por não ter se tornado uma atriz famosa. Já o rapaz se perturba com o extremismo religioso local em torno dos preceitos ditados pela paróquia.

A lei e a ordem tentam ser mantidos pelo xerife Hassan, interpretado por Rahul Kholi, que vive com o filho adolescente Ali (Rahul Abburi). Ambos são muçulmanos e sofrem preconceito pelos moradores da ilha, sob a suspeita de associação ao terrorismo. A Islamofobia⁵, aliás, é outra reflexão de natureza religiosa sugerida pela minissérie. A perseguição leva o filho a considerar uma conversão ao catolicismo. Sarah Gunning (Annabeth Gish) é a única médica da região e cuida da mãe, Mildred (Alex Essoe), uma idosa que sofre os efeitos degenerativos do Alzheimer. No entanto, a mulher melhora e rejuvenesce,

milagrosamente, com o tratamento espiritual do misterioso padre, colocando em xeque o ceticismo da filha, que também passa a frequentar a igreja em gratidão à suposta cura de sua mãe. Enfim, heróis e anti-heróis se confundem em personagens multifacetados.

A igreja matriz e seus membros assumem protagonismo local com certos privilégios, porque funcionam como lentes que refletem os valores e costumes dos moradores no intuito de enquadrá-los. Numa analogia com o cotidiano social, a centralidade da religião se interpõe ao controle de tudo que acontece nos minúsculos lugares, começando pela praça que circunscreve o templo religioso. É possível observar que, no contexto das pequenas comunidades, tanto ficcionais quanto reais, os sacerdotes são tratados como parte das famílias, acompanhando suas gerações, e não apenas devido aos aconselhamentos espirituais por eles ministrados, mas pelos laços de afetividade construídos, que, muitas vezes, resultam das intervenções nos âmbitos privados por posturas que se confundem com o próprio ministério religioso.

Nas entrelinhas, a língua afiada das beatas torna-se um padrão de verdades e justiças, que costumam ser legitimadas, nessas espacialidades, por paráfrases bíblicas e/ou prescrição de normas. Tais aspectos sinalizam uma correspondência com a sociedade contemporânea, através de personagens e símbolos que fazem as (nossas) histórias de todo dia parecerem ficção, e vice-versa, uma vez que reforçam posicionamentos e referenciam códigos de condutas coletivas ditando paradigmas morais inquestionáveis. Muitos desses, aliás, costumam ser propagados, nessas micro comunidades, à luz de narrativas que carregam o nome de Deus. Tudo tem uma razão divina. Até mesmo a hipocrisia.

Por outro lado, o desconhecido, sendo igualmente sinônimo de imprevisível, tornou-se, para essas pessoas, a tradução do mistério, pois, como defende Lovecraft (1987), carrega "uma onipo-

⁵ Diz respeito à aversão e ao ódio praticados contra membros do islamismo ou que possuem uma origem étnica relacionada a esse universo. Muitos muçulmanos, por exemplo, provenientes da Síria buscaram refúgio em países europeus e americanos, como em outras partes do mundo, circunstâncias que contribuíram para o avanço do repúdio contra esses grupos sociais.

tente e terrível fonte de bênçãos e calamidades despejadas sobre a humanidade, tem razões impenetráveis e inteiramente extraterrenas, portanto pertencentes a esferas de existência de que nós *nada* sabemos e em que não participamos" (LOVECRAFT, 1987, p. 11).

O papel da moral e dos bons costumes, exercido pelas beatas e religiosos, pode funcionar enquanto instrumento de controle social, especialmente do feminino, já que o efeito punitivo às mulheres visa limitar sua emancipação para prevenir desvios aos padrões normativos das "famílias de bem". Faz-se importante mencionar, também, o espectro primitivo da religião ao se associar às lendas e credices sociais por fatores históricos de cerceamento das liberdades, pois, como alerta Lovecraft (1987): "todas as condições da vida selvagem primitiva levavam tão fortemente à impressão do sobrenatural que não é de admirar o quão completamente a essência hereditária do homem veio a saturar-se de religião e de superstição" (LOVECRAFT, 1987, p. 11).

Nogueira (2010) reconhece a pertinência desses fluxos, salientando que utopias e distopias, medos e quimeras, paraísos e apocalipses, criação e destruição são dimensões recorrentes ao terror no universo ficcional, onde monstros e heróis se enfrentam e se refazem por "afirmações religiosas". Em *Missa da Meia-Noite*, esses aspectos se mesclam na reprodução de crenças populares, já que, durante séculos, a religião ou a magia foram sinônimos de poder; dominaram tanto os valores familiares como os discursos de previsão do mundo, sustentando as expectativas no que está para vir para determinar a noção de pecado e posturas de diferentes grupos sociais.

Nas ideias de Lovecraft (1987), tais fatos permitiram ao gênero de terror a criação de uma espécie de folclore popular em torno do sobrenatural: "A dor e o perigo de morte são mais vividamente lembrados que o prazer, e os nossos sentimentos relativos ao desconhecido foram legitimados pelos ritos religiosos consagrados" (LOVECRAFT, 1987, p. 11). Nesses termos, a incerteza e o perigo sempre são estreitamente associados, na ficção, ao universo da fé, já que o

mundo do desconhecido será atraente, mas sempre um mundo religioso de ameaças e funestas possibilidades. Religião e medo, nas telas, são uma combinação complexa de grande sucesso sustentando relações e conflitos que assombram os destinos humanos.

Nitidamente, segundo transmite a leitura de Fernandes e Magalhães (2018), a noção de religiosidade tem convergido com muitos temores coletivos ao longo da história. Para os autores, as ideias sombrias tiveram origem na Idade Média, popularizada como a "Idade das Trevas". Nessa época, as bruxas e os tratados sobre demônios, seitas e pragas eram imperativas no imaginário, o que influenciou uma estética gótica e sombria para as produções ficcionais e literárias. Magalhães *et al.* (2012) acrescentam que a influência demoníaca nas sociedades é temida, mas tradicionalmente cultivada e interpretada no convívio coletivo, gerando relatos místicos que difundem as façanhas e o poder do mal junto a humanidade, tal como ocorre na ilha em que se passa *Missa da Meia-Noite*. Para além das ambiências dos produtos seriados, a temática do demoníaco e suas diversas representações são constantemente retomadas, reescritas, ampliadas ou reinventadas através da criatividade popular, que se encarrega de difundir credices, lendas e mitos no espaço social, pois, como diz a máxima popular, quem conta um conto sempre aumenta um ponto.

Na mesma linha de raciocínio, Velho (2003) relata que o interesse e a curiosidade pelo invisível transcendem as diferentes formas de religião, pois "na diversidade de credos, existe uma ordem de significados que gira em torno da crença dos poderes sobrenaturais, num fascínio que avança de modo expressivo" (VELHO, 2003, p. 56). O gótico revestido pela ameaça do mal, que foi sugerida nas encarnações do diabo na terra, transpôs os templos religiosos e os textos bíblicos, inserindo-se na caça católica às bruxas, cujas influências pontuaram as diversas manifestações cinematográficas.

Todorov (2010) propõe a perspectiva de que o terror é um gênero inspirado na literatura fantásti-

ca valendo-se dos elementos sobrenaturais para provocar o medo e o mistério. No plano descritivo e analítico, a caracterização da modalidade é polifônica e flutuante ao aglutinar indícios de outros discursos criativos, a exemplo do drama e do trágico. São histórias que se apropriam da aparição de seres ou objetos animados e/ou deformados que assustam e causam uma percepção ambígua, mas que, ao mesmo tempo, forjam efeitos que capturam a atenção dos espectadores. Na experiência de Nogueira (2010) as relações de causa-efeito, como as conhecemos, são constantemente desafiadas no gênero "gótico fantástico" e numa "estética do prodígio": seja na mente das personagens, seja na mais reconhecível banalidade, tudo acaba por se tornar possível nessa modalidade de ficção, quando as leis do mundo e as suas premissas são quebradas e um novo regime de causalidade é instaurado: "Daí que se compreenda a forma como a magia e a religião surgem constantemente como *motivo* e como *contexto* destas narrativas" (NOGUEIRA, 2010, p. 27, grifo do autor).

Por isso, ações estranhas se cruzam e se sucedem, sem única explicação racional para elas, como seres humanos que se metamorfoseiam em monstros ou que adquirem habilidades estranhas, espirituais e superlativas. Ademais, alguns arquétipos religiosos de *Missã da Meia-Noite* oferecem interessantes provocações à audiência: o diabo estaria entre nós? Ou a terra estaria se transformando, metaforicamente, numa nova "representação do inferno"? Na estrutura narrativa, as figuras do mal são postas em debate como pressupostos de reflexão em torno das tentações/perdições sofridas pela humanidade nas suas trajetórias cotidianas, sobretudo quando valores religiosos são subvertidos e os limites dos indivíduos, testados.

Todorov (2010) ainda assinala que a linha ténue do terror forja imbricações entre o real e o irreal, com diferentes proporções e alegorias, à medida que se baseia no existente para criar as ilusões e os hibridismos. Trata-se, quase sempre, da associação com algo não decifrado facilmente, mas que empresta as condições de suspense

grotesco necessárias à narrativa. A sensação de medo tende a ser ampliada pela noite, pela escuridão ou por seres de outro plano, difíceis de observação nitida, o que justifica a presença de sombras, penumbras e trevas como reforços para o surreal e suas tensões.

King (2012), por sua vez, enumera três reações que caracterizam a tipologia narrativa: o horror, o terror e a repulsa. A reação superficial frente ao estranho atesta que algo contado não se classifica como "normal", mas que ainda pode ser explicado com argumentos convincentes (reais) pela via de metáforas ou subjetivações. O horror é, desse modo, uma primeira escala suportável do medo para ampliação dos fatos. Os elementos subliminares são articulados com o objetivo de causar espantos e sobressaltos.

Já o terror é a sensação que cria relações com uma emoção imaginada e experimentada pela mente do espectador. Isto é, que faz alusão a uma espécie de medo racional e intuída, porque se busca descobrir, por exemplo, se existem mesmo ruídos ou passos de alguém no ambiente, batidas na porta, barulho do vento ou da chuva, galhos quebrando, situações aterrorizantes que, juntas, ou quando imaginadas por uma mente criativa, procuram avaliar por que não se trata de "barulhos naturais", mas provocados por uma força desconhecida e ameaçadora, mas que não se sabe qual é. Portanto, há uma racionalidade cujo sentido se dilui. Daí as incertezas, suposições, teorias e hipóteses que se expandem e mobilizam o interesse do público para os enigmas propostos.

Por fim, a repulsa, que concerne ao terceiro elemento do gênero, significa a emoção mais forte que pode ser despertada por uma atmosfera de terror, sendo acompanhada por algo grotesco, relativo a contextos repugnantes, monstros ou deformidades que afetam os sentidos, tornando-se impossível esquecer as cenas apresentadas. Susto, medo, ansiedade aflorada, aceleração cardíaca, tensão crescente são marcadores subjetivos das memórias das cenas e efeitos comuns das produções, que geralmente são pontuadas por situações explícitas. Apesar disso, é o "não saber" e a suspeita do "que pode

ser" que capturam os fãs do gênero, atraídos por um desconforto "consentido" que vicia e fascina por cumplicidade: "O espectador experimenta o sofrimento de forma delegada, comungando das dificuldades das personagens, mas escusando-se, necessariamente, aos seus padecimentos" (NOGUEIRA, 2010, p. 36).

Imbricando universos reativos e paralelos, o terror também se vincula ao drama psicológico, uma vez que coloca os indivíduos em confronto consigo mesmos, com os seus medos ou incertezas, com suas convicções, numa jornada de impacto e reconhecimento que mobiliza o suspense, o mistério e alimenta a curiosidade. Em *Missa da Meia-Noite*, os protagonistas parecem ser fortemente influenciados por ideias de punição, o que tende a reforçar a expectativa de suspense. O horror da dramaticidade desperta uma interpretação subjetiva no intuito de refletir as contradições da natureza humana e o repertório da audiência, uma vez que a atribuição de sentidos indica equivalências com mitos, tradições ou maldições guardadas na memória com fins de encontrar alguma familiaridade que embase os desdobramentos da história.

Embora a modalidade do terror se ligue à literatura e ao teatro, conservando as influências da natureza trágica da tradição epistemológica dos gregos, sobretudo da poética aristotélica como tentativa de fruição, ela não fica circunscrita somente a esse escopo. É verdade que a herança histórica tem inspirado modelos artísticos herméticos, que se manifestaram em obras de diferentes nacionalidades, épocas e estilos, que trazem em comum práticas discursivas lítero-teatrais. Todavia, faz-se útil perceber que as expressões têm se metamorfoseado em diferentes misturas considerando-se seus modos diacrônicos, ao longo dos tempos, e sincrônicos, numa perspectiva de comparação com a realidade das culturas, que une passado e presente nas complexidades e tensões.

Acerca do vértice iconográfico das produções de terror, Nogueira (2010) afirma que, além de formatar diferentes produtos e subgêneros, o gênero é, seguramente, um dos mais inventi-

vos, em função da apurada lógica criativa. Dito de outro modo, os efeitos adotados fortalecem os arcos narrativos e acionam as experiências passionais da imersão, que "podem se revelar dolorosas, emocionantes, quase insuportáveis e levar a diversas manifestações, como desviar o olhar, sentir náuseas, gritar, chorar, suar compulsivamente" (NOGUEIRA, 2010, p. 36).

Em suma, são três experiências de ansiedade espectral que aproximam o gênero terror da versão *thriller*: criar uma intensa excitação e nervosismo, como se, nos momentos decisivos, tudo se tornasse insuportavelmente urgente e perturbador; instauração e perpetuação constante da dúvida sobre o desfecho dos acontecimentos e sobre o destino dos personagens, o que obriga uma revisão de hipóteses por parte da audiência; e, por último, a sugestão verossímil, mas enganosa, de expectativas de terror, que convoca o espectador à permanente inquietação, incerteza ou angústia crescentes: "A incerteza e a dúvida detêm no thriller um papel nevrálgico, já que este gênero tende a partilhar ou a integrar no seu cânone aquilo que se conhece, sinonimamente, muitas vezes, por suspense" (NOGUEIRA, 2010, p. 40).

A ficção plasma o imaginário: reproduções do mundo social

Na conceituação de Durand (2002), o imaginário é a faculdade que parametriza o fluxo de identificações culturais através de arquétipos, alegorias e analogias. Por artifícios da linguagem, a ficção permite que a audiência seja capaz de construir significados a partir do que vê e ouve. O texto e a estética do gênero parecem partir do plano de sentidos das vivências espectoriais diretamente relacionadas aos seus repertórios. Isto é, o que se passa na tela tende a representar o "já visto" e os desafios do cotidiano coletivo acrescidos pelos recursos da fantasia nas suas consequências exacerbadas ou licenças poéticas. Nessa lógica, a ficção não oferece mentiras, mas um novo real, em função do trânsito de significados sugeridos, que se expandem, à medida que expõem sincretismos e representações co-

muns ao cotidiano. Em suma, é a sensorialidade presumida que faz a história ficcional acontecer, tanto no viés discursivo, quanto no emocional-imagético: não importa apenas *o que* está sendo contado, mas *como* está sendo contado.

Jost (2012) denomina este processo de "universalidade antropológica", em alusão a um mundo humano crível, onde cada personagem é trabalhado nos seus aspectos mais corriqueiros e simplórios para suscitar intertextualidade social e tradução de verossimilhança. A humanidade de si, presente nos temas, situações e personagens, forja uma compensação simbólica da ficção que nos remete à reflexão sobre nós mesmos e sobre o nosso estar no mundo por aludir a fatos recorrentes à esfera pública. Até que ponto "os outros" são reflexos de nós? Os códigos de endereçamento discursivos são, nesse sentido, encaminhados pelo mundo icônico da significação textual-imagética. Por essa estrutura, a fantasia da ficção suscita debates sobre questões contemporâneas subsidiando a inteligibilidade do mundo social.

Lopes (2009) discute que, por estratégias e representações, os produtos ficcionais forjam um repertório cultural similar, por meio do qual as pessoas se reconhecem umas às outras e identificam seus desafios e dilemas em virtude da reprodução de contextos semelhantes. Portanto, o poder de uma narrativa ficcional consiste em replicar o impacto e a sensibilidade das experiências socioculturais no que elas apresentam de mais recorrente, complexo e/ou simplório. A ambiência de *Missã da Meia-Noite*, em suas condições estruturais, retrata um vilarejo esquecido, parecido com muitos que conhecemos, no qual a vida se arrasta com poucas expectativas de mudança, e onde todos "conhecem" a todos numa tendência de incitar julgamentos acerca dos semelhantes.

O real do terror encontra a ficção e vice-versa, já que a vida, com ou sem fé, segue com sua linguagem novelesca e suas armadilhas, imitando a arte, descortinando a inteligibilidade dos enquadramentos ficcionais. Concordamos com Martín-Barbero (2014, 2017) que os produtos de

ficção são significativos, porque não prescindem das mediações culturais, e essas materializam a circulação, apropriação e interação de múltiplos sentidos numa aproximação com as culturas representadas. Nessa matriz, a ficção ratifica o mundo cultural em sua diversidade, ao mesmo tempo em que aciona uma potência sensorial de apelo à criticidade do público espectador, pois o que está sendo posto na tela não é somente o processo de humanização em si, mas o ato de questionar a hominização, as mutações na condição humana e seus impactos nas relações sociais. À luz dessa racionalidade, a cultura ficcional é sempre uma provocação: faz pensar e "dá o que pensar". Suas mediações consolidam outros "alfabetos de sentidos", ao oferecerem experiências simbólicas que disseminam questões próprias de uma dada historicidade. Produtos alinhados a esse perfil se reportam às representações culturais (HALL, 2004, 2016) para "radiografar" as identidades fragmentadas e as problemáticas delas decorrentes tornando possível enxergar os dilemas do tempo presente que comprometem os laços sociais. No prisma das idiosincrasias, os Estudos Culturais (2004) dialogam com as invenções do imaginário (DURAND, 2002) acionando novos processos de construção social da realidade a partir dos repertórios, arranjos e sociabilidades dos grupos.

Certamente por essas razões, Lopes e Lemos (2019) constatam que a ficção explora um âmbito subjetivo de consumo, repercussão e reapropriação de ideias no imaginário coletivo que instiga o envolvimento da audiência. Se o imaginário é fruto de memórias históricas e afetivas dos espectadores que enlaçam os sentidos, como entende Durand (2002), as narrativas ficcionais operam com competências de metaforização e imbricações emotivas nos fluxos com o espaço público na promoção de reconhecimento.

O que é intolerância religiosa? Conexões entre a trama e o *ethos* religioso

Se em *Missã da Meia-Noite* a religião é a ferramenta do terror, convertendo-se em dogma

inquestionável e pretexto para a violência, torna-se útil analisar como as posturas intolerantes exploradas por essa narrativa equivalem aos embates das práticas de religiosidades no tempo presente, imbricando-se a elas, representando conflitos e estigmas que as atravessam.

De acordo com o aporte dos Estudos Culturais (HALL, 2016), as representações sociais conectam os sentidos e a linguagem às culturas permitindo o compartilhamento de valores e significados. Com isso, a ficção ativa as competências de leitura narrativa a partir das *leituras* do mundo social. Nesse escopo, os repertórios cognitivos se expandem para a construção de novos sentidos. Acrescidos à orientação metodológica de uma Análise Narrativa, sob o viés Temático, os referenciais apontaram uma valiosa superfície de representação, intencionalidades e disputas simbólicas acerca do imaginário popular e dos arquétipos religiosos. O movimento subliminar daí resultante chamou nossa atenção para possíveis convergências entre *Missã da Meia-Noite*, no que concerne aos fundamentalismos religiosos e os preconceitos que afetam as cosmologias africanas.

Partimos, pois, da premissa de que a minissérie pode fomentar o diálogo com essa problemática, abrindo janelas de percepção do panorama sociorreligioso atual, considerando-se a diversidade de crenças e rituais místico-simbólicos que compõem um país multicultural, no qual faz mais sentido a expressão plural "religiosidades" ao invés de optarmos por "religião", no singular (MARTINO, 2016).

Analisar as relações entre religiosidades e convivência social, sob o eixo das reflexões postas pela minissérie, carece de deslocamentos conceituais necessários a esse empreendimento, partindo-se da categoria intolerância religiosa. Intolerâncias advêm de fronteiras e reações étnicas ou nacionalistas extremas, dos embates entre regionalismos e mestiçagens, ou do aparecimento de separatismos radicais que constituem ameaças à humanidade. A partir dessa problematização, Bucci (2020) denomina a intolerância de "tragédia do não diálogo". Tal incomunicação,

reitera Schiavo (2008), denota ideias extremistas acionando um instrumento potencial de violência na afirmação de uma dada solidariedade grupal: "Por trás de qualquer fundamentalismo existe o anseio pela pureza racial, o nacionalismo étnico, a ortodoxia religiosa e as identidades culturais homogêneas" (SCHIAVO, 2008, p. 175).

Moreira e Oliveira (2008) tratam do processo acelerado e transversalizado de globalização analisando as mudanças resultantes da mundialização de culturas religiosas. As alterações nesse campo, em razão da diversidade de crenças e propostas, têm promovido a perda de autoridade de diversas instituições tradicionais e o deslocamento da própria experiência subjetiva da religião. Determinadas denominações enfrentam preconceitos e agressões, do ponto de vista histórico, a exemplo das vertentes de matrizes africanas, e isso têm impactado de maneira substancial não só o fenômeno religioso contemporâneo como as suas sociabilidades. Entre os símbolos mais lembrados da cultura brasileira, estão o samba, o carnaval, o futebol, a feijoada, as giras de Candomblé. Na percepção de Silva (2019), tais artefatos são relacionados com a sociabilidade negro-africana que tem no terreiro um centro irradiador fundamental. Em face disso, são também símbolos de lascividade, violência e curandeirismo que equiparam as religiosidades às práticas de feitiçaria. As festas do povo de santo foram reprimidas e criminalizadas por muito tempo, e as comidas típicas como a feijoada, tidas como hábitos de negros e pobres, o que as mantêm ignoradas num patamar de inferioridade. O processo de racismo imbricado a esses pontos de vista envolve estereótipos, desconfianças, conflitos, negociações de ordem histórica, econômica e política oriundas do período escravocrata.

Nessa possibilidade, é oportuno pensar, em sintonia com Oliveira (2011), que as religiosidades provocam, diretamente, interferências nas estruturas de paz social, intervindo também nas transformações culturais e suas conseqüentes desarmonias. Em face disso, as questões multiétnicas e socioeconômicas se diluem no inte-

rior das esferas coletivas, abrindo espaço para negações, agressões e intolerâncias, fazendo com que a exclusão social dos negros se intercambie à sua religiosidade ancestral na sombra da colonialidade.

Discriminações sociais são envoltas por embates étnicos e, nesses aspectos, uma questão religiosa nunca pode ser vista apenas como "religiosa", já que assimila outras imbricações e problemáticas. Nesse horizonte, tanto as múltiplas crenças são difundidas, como também se expandem os estigmas e as posturas preconceituosas, culminando na eclosão de grupos racistas e extremistas, conforme notamos na minissérie, quando os mulçumanos, em minoria, sofrem preconceitos e ofensas, motivados por estímulos de grupos cristãos que se julgam legítimos e superiores.

Assertivamente, a autora supracitada descreve que, além do racismo, a falta de compreensão do pluralismo religioso também gera as diferenças e o desrespeito, sobretudo quando se analisa as denominações de outras minorias étnicas, impondo-se critérios de homogeneidade. No caso das religiões afro, o preconceito que enxerga suas práticas como "menores" se fundamenta na perspectiva de que "se uma religião é verdadeira, as outras são falsas. Isso desemboca na ideia da unicidade de crenças e, portanto, na exclusão do que é diferente" (OLIVEIRA, 2011, p. 123).

No plano das culturas, as religiões enfrentam a negação e validade das suas singularidades. A estigmatização gera o individualismo e o absolutismo de pensamentos, assim como os preconceitos que provocam a invisibilidade do outro, que passa a não ser reconhecido, e muito menos respeitado, como se tivesse uma identidade deteriorada (GOFFMAN, 2004). As vertentes advindas de muitas cosmologias, como as afro-brasileiras, são tratadas, por seus rituais e sincretismos, como práticas desacreditadas, ignoradas como expressões de atraso e supers-tição, assim como silenciadas em suas questões e seus pertencimentos ancestrais.

No Brasil, uma racionalidade "objetiva" e arbitrária criou uma visão "superior" que suspeita

de mitos e tradições religiosas orais, desqualificando-as, o que torna favorável o surgimento de várias expressões de intolerâncias. É notório que, apesar da passagem dos séculos, o povo de terreiro continua invisibilizado, exposto à violência da polícia, preso e violentado em seus corpos e lugares sagrados. Os símbolos de suas crenças causam temores, e só são conhecidos em museus ou instituições escolares na semana dedicada ao folclore nacional. Em linhas gerais, como explicita Oliveira (2011), o bojo dessa discussão reflete o silenciamento e o medo que se tem da cultura negra. Conseqüentemente, o lugar ocupado pela intolerância religiosa na sociedade não prescinde do racismo que afeta a condição humana.

Skliar (2006) notabiliza os impactos do termo "intolerância", porque este esconde um racismo sutil, expresso através de verbos considerados democráticos como "respeitar, aceitar, tolerar, reconhecer". Quando se tolera algo, não há prerrogativa de alteridade. É como se houvesse omissão de ação, aceitação e convivência para não alterar determinadas estruturas de opressão social, conservando-se sem reação, indiferente ao outro e às suas circunstâncias de existência: "Quanto mais fragmentada se apresenta a vida social, mais ressoa o discurso da tolerância [e do respeito]" (SKLIAR, 2006, p. 12).

Entretanto, Silva (2019) reitera que a noção de pecado, do mal ou de um adversário do bem, é algo que diz respeito às religiões monoteístas. No âmbito do politeísmo afro-brasileiro, não há antagonismos que se oponham à definição do bem. Ao se criticar essas práticas religiosas, a intolerância e o respeito assumem, então, um significado de superficialidade como se substituíssem a ação, confirmando a apatia, bem como a real isenção de responsabilidade dos indivíduos. Pois, como bem lembra Skliar (2006), quem busca "tolerar" é aquele que se coloca em posição de superioridade ao outro, e esse, por sua vez, é entendido como inferior na dependência de quem o aceite, quando todos somos, em certa medida, uma parte de outros.

Na organização de relevante obra sobre intolerância religiosa, Silva (2007) circunscreve, com

propriedade, os reflexos dos graves conflitos no campo social, mencionando os ataques que grupos religiosos neopentecostais, notadamente da Igreja Universal do Reino de Deus, vêm realizando contra os cultos e adeptos das religiões afro, em virtude de associações entre as entidades e os rituais dessas vertentes religiosas às práticas de feitiçaria e magia negra. Na minissérie, os mulçumanos são vistos como terroristas. Isso ilustra o pensamento de Oliveira (2011), de que as práticas religiosas e suas simbologias são afetadas diretamente por questões multiétnicas.

Outros exemplos de intolerância emergem, proibição em algumas igrejas evangélicas da prática da capoeira, da produção ou audição de música percussiva (com atabaques), assim como da participação em grupos de origem africana, como escolas de samba, e até proibição de alimentos que remetam ao panteão dos orixás:

Por outro lado, e paradoxalmente, algumas igrejas têm se apropriado destes símbolos e práticas, desvinculando-os da religiosidade afro-brasileira. É o caso do "acarajé do Senhor" ou "bolinho de Jesus", produzidos por baianas evangélicas que não se apresentam como vinculadas aos terreiros e, por isso, dizem que seus tabuleiros são abençoados por Deus, enquanto os outros são do Demônio. O mesmo ocorre com a "capoeira gospel" ou "capoeira evangélica", na qual as cantigas não fazem referências aos santos católicos, orixás ou valores que tradicionalmente se vinculam à capoeira organizada no Brasil em virtude das fortes relações dos seus praticantes com o mundo dos terreiros (SILVA, 2019, p. 205-206).

No olhar epistemológico de Martino (2016), a religião, mesmo sendo uma questão de fé individual, é algo vivido em público, que afeta as sensibilidades e sociabilidades: "O modo como a pessoa se veste, fala, vive com os outros, escolhe seus relacionamentos afetivos ou mesmo profissionais está, de algum modo, ligado às suas crenças" (MARTINO, 2016, p. 9). Se a religião é mesmo um marcador identitário para indivíduos, grupos e comunidades, definindo as relações de quem "está dentro" de um certo sistema, a grande pergunta é saber o que fazer com quem "está fora", ou como superar a intolerância. Em suas palavras: "Ao longo da história, diversas respostas foram experimentadas para os diferentes-

'respeitar, acolher, converter, ignorar, eliminar'. Mais do que qualquer diferença entre crenças, o cenário que se desenha é *político*" (MARTINO, 2016, p. 13). Amaral e Silva (2006) pensam que os valores afro-brasileiros têm um papel importante no estabelecimento de uma identidade "mestiça" para o Brasil. Porém, os grupos religiosos que mais os promoveram ainda se encontram em situação de inferioridade social e poucas vezes são reconhecidos positivamente.

Considerações finais

Não é simples explorar o conceito de intolerância religiosa, via obra de ficção, e, sobretudo, numa pesquisa em processo. Apesar do reconhecimento desse fato, o empenho de revisão teórica busca fomentar o debate sobre a temática, a fim de compreender os pressupostos e encaminhamentos de *Missa da Meia-Noite* como pontos de partida e *locus* promissor de fruição e interface para as retóricas da fé nas ambiências coletivas. Nesse contexto, pensar a intolerância religiosa, mediante as sugestões narrativas de *Missa da Meia-Noite*, significa identificar as armadilhas e retóricas da fé em suas consequências socioculturais, o que coincide com o exercício da alteridade e da empatia, além de requisitar visibilidade e importância às questões religiosas.

A *expertise* de representação, apropriação, intencionalidades e disputas simbólicas verificadas na minissérie aproximam o imaginário popular e os arquétipos religiosos permitindo interlocuções sobre rejeições, tensões, preconceitos e estigmas que afetam as crenças minoritárias no nosso país, cujas práticas oscilam entre aprovações e reprovações populares, mas sempre envolvem histórias e posturas de resiliência que merecem ser conhecidas. Mirando a complexidade do *ethos* religioso contemporâneo, delineamos um ponto de partida acerca da problemática da intolerância religiosa, na hipótese de que os enquadramentos da minissérie confluem com o cenário vivido por algumas religiosidades no Brasil.

O próximo passo do estudo é avançar na compreensão das comunidades afro-religiosas, em meio à discussão do pluralismo, para ser possível

rastrear os episódios de intolerância cometidos contra os seguidores. Para o diálogo com os praticantes, futura etapa da pesquisa, julgamos pertinente a posição de Skliar (2006), quando nos encaminha um desafio: até que ponto se inquietar com algo equivale a se interessar mesmo pelo outro em suas condições de ser e existir?

Assim, a nova fase exige atenção aos pontos de vista e às sociabilidades das culturas religiosas, especialmente no que se reporta aos indicadores e males que derivam dos processos de dominação coletiva “em nome de Deus”, e que se mostram imbricados às ações de racismo, inclusão/exclusão por respaldarem expressões de violência contra credos e pessoas na ignorância dos seus marcadores identitários e de subjetivação de fé. Dessa forma, o cenário tecido por *Missa da Meia-Noite* dialoga com a historicidade do tempo presente, num grau de contato expressivo, incorporando o efeito dos elementos narrativos e estéticos de terror, uma vez que existem tragédias sociais, perversas, que ocorrem bem ao nosso lado, numa extensão da tela, só para citarmos algumas, e que dão conta da destruição de imagens sagradas, violações aos templos e/ou ataques aos adeptos, especialmente de terreiros de Umbanda e Candomblé, traduzindo posturas de autoritarismo, racismo, violência e opressão, que configuram outras faces da intolerância religiosa, das quais precisamos falar.

Sob os eixos elencados, as conexões e as potencialidades de análise permitidas por uma ficção de terror parecem reverberar empirismos que aludem ao cenário real de uma sociedade esfacelada e preconceituosa. À medida que a trama nos induz a pensar o espaço real das culturas religiosas, com nomes, locais e datas verídicos, as experiências sensoriais da tela nos conduzem a verificar como se configuram os conflitos contemporâneos, a partir da escuta de seus praticantes com suas singularidades e sensibilidades.

Portanto, pela ótica dos Estudos Culturais (HALL, 2016), o imaginário ficcional (DURAND, 2002) entrega um contexto polissêmico, evocativo e interpretativo, que interpela os fanatismos e as

violências religiosas. Porque a ficção transcende o universo metafórico do imaginário e suas alegorias, materializando a circulação, apropriação e interação de múltiplos sentidos no espaço social, tornando a cultura polifônica em suas idiosincrasias, cujas dinâmicas, deslocamentos e repertórios somente se tornam visíveis através das negociações de sentidos da audiência (MARTÍN-BARBERO, 2017). Em suma, os agenciamentos percebidos reverberam as consequências da falta de alteridade para o processo civilizatório e são pertinentes aos tempos difíceis que atravessamos. Assim, os marcadores discursivos de *Missa da Meia-Noite*, para além dos propósitos imersivos de uma trama de terror, alertam para os extremismos religiosos que assombram o nosso cotidiano social, e que, como todas as expressões de radicalismos, não constituem obras de ficção.

Referências

- AMARAL, Rita; SILVA, Vagner Gonçalves da. Religiões afro-brasileiras e cultura nacional: uma etnografia em hipermidia. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 3, n. 6, jul./dez. 2006. Disponível em: https://nau.flch.usp.br/files/upload/paginas/religoes_hipermidia_o.pdf. Acesso em: 13 abr. 2022.
- BUCCI, Eugênio. A intolerância ou a tragédia do não diálogo. In: INCERTI, Fabiano; CANDIDO, Douglas Borges (org.). **Olhares sobre o mundo**: lições do café filosófico do Instituto Ciência e Fé PUCPR. Curitiba: PUCPRESS, 2020. p. 35-55.
- BULHÕES, Marcelo. **A ficção nas mídias**: um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais. São Paulo: Ática, 2009.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERNANDES, Auricélio Soares; MAGALHÃES, Luiz Antonio Mousinho. *Penny Dreadful*: um pastiche gótico. **Revista Todas as Musas**, [S. l.], ano 9, n. 2, p. 135-142, jan./jun. 2018. Disponível em: https://www.todasasmusas.org/18Auricelio_Soares.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012.

KING, Stephen. **Dança macabra**: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero. Tradução de Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **A construção de mundos na ficção televisiva brasileira**. São Paulo: OBITEL/Editora Globo, 2019, v. 6.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (org.). **Transnacionalização da ficção televisiva nos países ibero-americanos**. Anuário Obitel. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; LEMOS Ligia Prezia. A construção de mundos na telenovela brasileira: um estudo de caso a partir das cinco personagens mais lembradas. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). **A construção de mundos na ficção televisiva brasileira**. São Paulo: OBITEL: Editora Globo, 2019, v. 6, p. 19-40.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.

MAGALHÃES, Antonio Carlos *et al.* (org.). **O demoníaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). **Telenovela**: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 23-46.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios à Mídia**. Um Conceito em Evolução. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2017.

MARTINO, Luís Mauro. **Mídia, religião e sociedade**. Das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

MIDNIGHT Mass (Missa da Meia-Noite). Diretor: Mike Flanagan. Estados Unidos: Netflix, 2021.

MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II**: gêneros cinematográficos. Covilhã: LabCom Books, 2010.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religiões afro-brasileiras e etnicidade: novas sensibilidades num mundo multicultural. *In*: OLIVEIRA, Irene Dias de; REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Sandra Duarte de. (org.). **Religião, transformações culturais e globalização**. Goiânia: PUC, 2011, p. 121-130.

SCHIAVO, Luigi. Síntese e perspectivas. *In*: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 171-178.

SKLIAR, Carlos (org.). Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. *In*: CECCIM, Ricardo Burg, LULKIN, Sérgio Andrés, BEYER, Hugo Otto, LOPES, Maura Corcini. **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 7-20.

SILVA, Vagner Gonçalves da *et al.* **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu**: o guardião da casa do futuro. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

STEIL, Carlos Alberto. Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global. *In*: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 7-16.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Zahar editores, 2003.

Robéria Nádia Araújo Nascimento

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil. Professora Associada no Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vinculada à Linha de Pesquisa Ciências, Tecnologias e Formação Docente. Atua nos seguintes Grupos de Pesquisa (CNPq): Comunicação, Cultura e Desenvolvimento; Comunicação, Memória e Cultura Popular; e Tecnologias, Culturas e Linguagens.

Endereço para correspondência

Robéria Nádia Araújo Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba

Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores

Rua Baraúnas, 351

Universitário, 58429-500

Campina Grande, PB, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.